

Candidatos falam ao Primeiro Mundo

Na primeira entrevista em transmissão conjunta entre as rádios Eldorado e BBC só Collor faltou

FERNANDA FRANCO e
MARA ZIRAVELLO

Não ficou pergunta sem resposta na primeira rodada da entrevista internacional promovida pela Nova Eldorado

AM, de São Paulo e a BBC de Londres, com os candidatos à Presidência da República. Apesar das diferenças ideológicas que separam Paulo Maluf (PDS), Roberto Freire (PCB) e Guilherme Afif Domingos (PL) — três dos quatro convidados para o programa de ontem que aceitaram participar — eles foram unânimes na defesa da soberania nacional, na necessidade de renegociar a dívida externa, de se criar projetos de preservação da Amazônia e contra um choque ortodoxo para resolver o problema da inflação.

Longe das câmeras de televisão, o clima foi muito mais cordial do que os demonstrado nos debates realizados até agora. Afif e Freire cochicharam durante todas as respostas de Maluf, que ficou separado dos dois pela cadeira vazia de Fernando Collor de Mello (PRN). Bem-humorado, o candidato do PDS repetiu algumas frases que já provocaram risos em outras platéias. Mas não foi em tom de piada que analisou o problema do planejamento familiar. "As mulheres mais pobres têm mais filhos", reconheceu Maluf para emendar em seguida: "Isso impede a distribuição de renda via herança".

Freire arregalou os olhos na direção do adversário e engoliu seco para não rebater, uma vez que se tratava de uma entrevista e não de um debate. O pecado de Afif foi cometido na resposta sobre o preconceito e o racismo no Brasil. Depois de ouvir o candidato comunista afirmar que, no País, existe o pior tipo

de racismo "porque ele não é explícito e sim hipócrita". Afif fez a seguinte comparação com a situação da África do Sul e dos Estados Unidos: "O choque nestes países traz problemas sérios. No Brasil, do choque entre o branco e o negro nasceu a mulata, que é o símbolo nacional".

Para Maluf, o "símbolo nacional" é a Amazônia. Em um de seus momentos mais destemidos diante dos microfones que levavam sua voz a diversos países do mundo, o candidato do PDS acusou os Estados Unidos de terem duplo interesse na preservação do meio ambiente. "Acho que Washington tem algum interesse outro nesta preservação", comentou. "Quem sabe o problema do conhecimento mineralógico brasileiro?", questionou. "Ou até o impedimento de que, através de asfaltamento da BR 364 (que liga Cruzeiro do Sul a Rio Branco e também ao Peru), deixamos de ter nossa saída para o Pacífico", deduziu.

Na questão sobre as relações entre o Brasil e a União Soviética, Maluf desgarneceu a fronteira contra Roberto Freire. "Eles já exportam um excelente balé, e espero que eles possam receber nossas escolas de samba", concluiu depois de ter afirmado que "graças a Deus, depois de Gorbachev, as coisas estão mudando". Freire ficou pálido e sustentou em sua resposta que as relações entre os dois países só não estão melhores devido "aos preconceitos ideológicos" do Brasil contra a União Soviética.

Cada um fez um discurso diferente sobre a solução para a dívida interna, as respostas se completaram entre si sobre o problema do narcotráfico e se chocaram nos motivos individuais para querer ser presidente da República (veja quadros abaixo). No final, os candidatos foram surpreendidos com uma pergunta sobre o motivo da popularidade de Collor. Os três quase responderam ao mesmo tempo: Collor é o grande ausente dos debates e, com isso, evita confrontar suas idéias com os demais concorrentes à cadeira do presidente José Sarney.



Na entrevista, com a cadeira vazia de Collor: opiniões unânimes sobre vários temas, apesar das divergências políticas

Mônica Zarattini/AE